O MUNDO DAS DROGAS:

Três Pesadelos

O conselho dos especialistas — médicos, juízes, autoridades policiais e psiquiatras — é claro e frequentemente repetido: as drogas são perigosas; as drogas podem matar. Entretanto, nada do que os especialistas possam dizer será mais eloquente que as histórias trágicas dos próprios jovens que fazem uso delas

I. CHARLES

DANIEL ST. ALBIN GREENE

EM 19 DE MAIO de 1971, quando o guarda Stefankiewicz chegou ao distrito para seu turno da noite, aconselharam-no a ficar de olho no hippie drogado que estava falando com as paredes na cela 2. Pouco depois da meia-noite, quando a cela ficou subitamente silenciosa, Stefankiewicz foi dar uma olhada. Semi-encoberto pelas sombras, estava um jovem de imensas barbas, nu, sentado num banco.

«Está tudo bem?» perguntou Stefankiewicz. O rapaz olhou na sua direção, lembra ele, mas não disse palavra.

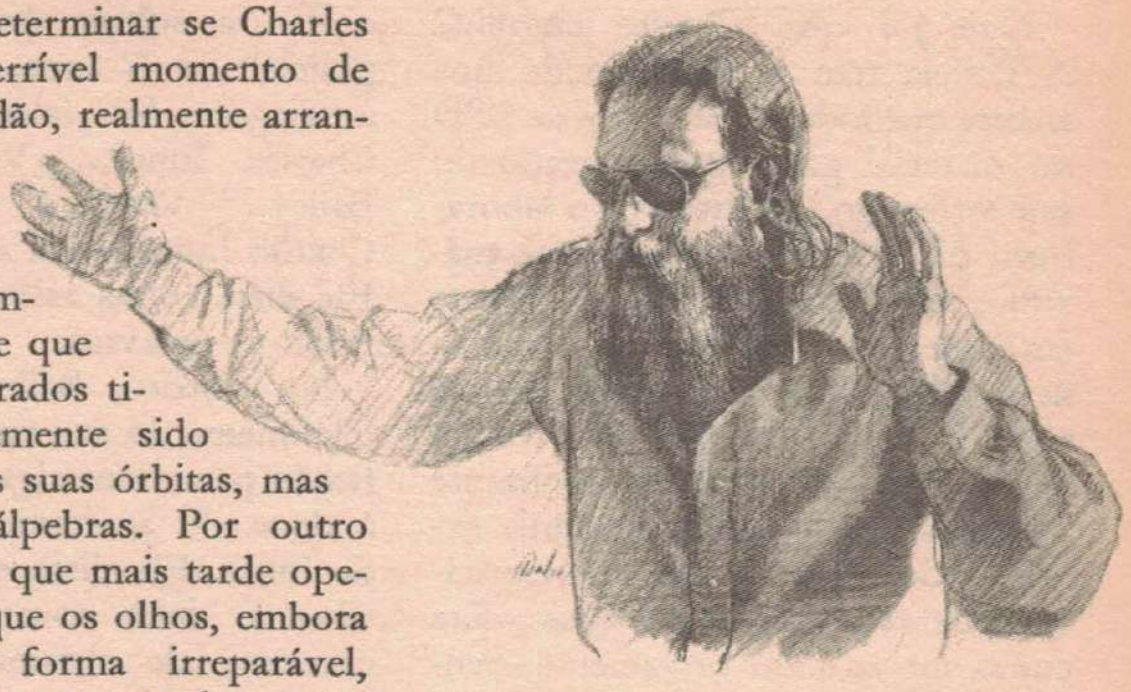
O corpulento carcereiro voltou à sua mesa. Daí a minutos, resolveu dar outra olhada. O que viu então, confessa Stefankiewicz, jamais poderá esquecer.

Um par de braços saía pelas barras, as suas mãos ensanguentadas. Vestindo agora uma bata de hospital, o rapaz continuava nas sombras. Da sua face, fitavam o guarda dois olhos esbugalhados, parcialmente arrancados das órbitras.

«Eu sou Deus. Deixe-me tocá-lo e salvá-lo», falou a aparição. Só depois que Stefankiewicz concordou em estender o braço para o toque da salvação é que o cego deixou seus carcereiros meterem-no numa camisa-de-força para levá-lo para o hospital.

CONDENSADO DE THE NATIONAL OBSERVER (6 DE NOVEMBRO DE 1971). © 1971 DE DOW JONES & CO., 11501 COLUMBIA PIKE, SILVER SPRING, MD. 20904

É DIFÍCIL determinar se Charles Innes, num terrível momento de angustiosa solidão, realmente arrancou seus próprios olhos. Stefankiewicz ficou com a impressão clara de que os olhos dilacerados tinham aparentemente sido recolocados nas suas órbitas, mas adiante das pálpebras. Por outro lado, o médico que mais tarde operou Innes diz que os olhos, embora mutilados de forma irreparável, nunca chegaram a ser completamente arrancados das órbitas.



«Por que você fez isso?» Quando esta inevitável pergunta surge, a animação característica de Innes desaparece rapidamente: ele torna-se evasivo, desconfiado e agitado. Por trás dos seus olhos vermelhos, contraídos e cegos, devem existir lembranças que, hoje, ainda não conseguem tomar a forma de palavras. Mas algo se sabe sobre os fatos que precederam a terrível «viagem» de Innes.

Charles Hiller Innes — um rapaz de 25 anos, inteligente e educado — recebera o nome do avô, advogado famoso e líder político de Boston, em Massachusetts. O pai, também advogado, serviu 23 anos na Assembléia estadual de Massachusetts e foi assessor legal do Senado estadual desde 1956 até à sua morte, em novembro de 1971. Esperava-se que o jovem Charles seguisse as pegadas do pai e do avô. Mas ele era, quando muito, um estudante irregular na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Acabou fumando maconha, envolvendo-se depois na contracultura orientada para as drogas.

Em janeiro de 1971, Innes foi preso e acusado de posse de cocaína. (Acusação retirada, mais tarde.) Em 14 de maio, agindo com base em indicações obtidas de um informante pago, agentes da Divisão de Narcóticos obtiveram um mandado de busca em sua residência. Naquela noite, quando dois agentes à paisana apareceram no pátio traseiro da casa, Innes correu para dentro, agarrou uma latinha de filme de 35 mm e engoliu o conteúdo.

Levaram-no imediatamente para o Hospital Union Memorial, onde foi submetido a uma lavagem do estômago. Innes passou ali a noite, sendo libertado na tarde seguinte sob a fiança de 3.000 dólares, acusado de posse de maconha. (A acusação foi retirada.)

Que *foi* que Charles engoliu? A Polícia tem o resultado de uma análise que indica a presença de LSD no material gástrico bombeado do seu estômago. (O diretor do laboratório diz que esta análise é, no máximo, 85 % correta.) Innes insiste em que não tomou nem «erva» nem LSD, mas sim «salsa cozida com PCPA», que descreve como um derivado do PCP (tranquilizante veterinário) com «uma molécula extra», e fala da sua misteriosa capacidade de estimular os sentidos: «Era como ter nascido novamente. Sentia-me revigorado.» Seja o que tenha tomado, ele afirma que o deixou «alto» durante cinco dias. (Isto é improvável, mas, segundo um especialista, a «experiência intensiva com drogas pode precipitar uma reação psicótica mais demorada».)

Quatro dias depois de Charles Innes deixar o hospital — entre as 18 e as 19 horas de 19 de maio — os guardas Frizell Bailey e John Denholm, de Baltimore, receberam ordens para verificar o que se passava com um homem nu que agia de modo estranho num vestíbulo traseiro de um prédio de apartamentos na Bolton Street. Quando a rádiopatrulha chegou, havia uma pequena multidão de jovens rindo e olhando para um camarada musculoso, completamente nu. Os guardas conseguiram meter o rapaz no prédio.

Ele estava falando sem nexo, de forma que enrolaram-no num cobertor e o levaram de carro.

O guarda Bailey seguiu ao lado de Innes. «Ele pegou na minha mão e não a soltou mais», lembra o policial, de 27 anos. «Durante toda a viagem foi falando: 'Eu sou Charles Innes... Você é Frizell Bailey... Você é meu amigo... Charlie Innes gosta do seu amigo!' Ele dizia coisas assim e ficava repetindo as palavras.

No distrito, Bailey recebeu um telefonema do seu colega, que tinha ficado para fazer algumas perguntas à dona do apartamento, namorada de Innes. Ela disse que, dias antes, Charles tinha tomado uma dose excessiva de alguma droga. Com base nesta informação, Bailey decidiu levar seu prisioneiro para o Hospital Mercy, ali perto. O médico que examinou Innes aparentemente não encontrou nada de fisicamente errado. Mas no seu relatório, na coluna de «Impressões», aparece registrado «psiconeurose», e «aconselho exame psiquiátrico», na coluna «Tratamento». De qualquer forma, Innes não chegou a ser hospitalizado.

Será que esta decisão foi correta? «O exame não mostrou qualquer indício de que ele tencionava fazer mal a si próprio», disse um funcionário do hospital. «Estou razoavelmente convencido de que, se tivesse ficado aqui, a mesma coisa podia ter acontecido.» Entretanto, Frizell Bailey não gostou da idéia de levar Innes de volta para a cadeia. «Acho que os médicos deviam ter mandado que ficasse no hospital sob observação», diz Bailey.

Depois de Innes ter sido posto na cela 2, Bailey voltou lá para se despedir, e recorda:

«Você fica bonzinho aí», eu disse. «Amanhã de manhã, vou falar com o juiz para ver se ele pode mandá-lo para algum lugar onde cuidem de você. Ele apertou a minha mão e disse: 'Você é um cara legal, Frizell, um cara muito legal.' Ele estava ali, quieto, aguentando firme.»

Meia hora depois, Innes, tranquilamente, cegou-se a si próprio.

Muitos traficantes e compradores já ouviram a macabra história do hippie que arrancou os olhos, mas algumas fontes da contracultura dizem que poucos acreditam nela. A opinião geral é de que a história é simplesmente mais uma farsa criada pelo «sistema» para fazer medo à droga.

Isto é uma boa razão para se esperar que Charles Innes realize a sua ambição de vir a ser orientador de viciados. Quem quer que olhe para os seus olhos mortos verá claramente que Innes já esteve onde ninguém deseja ir.

II. LINDA

ANNE LEVINE

—MAMÃE?

Sinto uma dor no coração ao ouvir a voz da minha filha ao telefone. Basta uma palavra, e eu sei logo que Linda está outra vez com comprimidos. Sua voz, normalmente suave e cristalina, soa áspera e beligerante, o que significa que ela está cheia de barbitúricos. Linda costuma dizer aos amigos que a mãe dela sabe até quando ela toma um analgésico.

Tenho a certeza de que ela tomou uma dose violenta, mas tento falar calmamente. Não quero brincar de esconder com ela — Linda negando que está drogada e eu insistindo em que está.

— Linda, onde você está?

— Na casa de uma amiga.

— Vem para casa. Você não parece nada bem.

— Não tenho transporte e não tenho dinheiro.

— Diga onde está, e eu vou buscá-la.

— Não!

— Então por que telefonou? Só para me preocupar? — A essa altura, perdi completamente o controle das minhas emoções. Grito: — Você tinha prometido que não tomaria mais bolinhas!

Ela não responde e ouço um clique do outro lado da linha.

É uma fria manhã de sábado e cai uma chuva fina. Onde estará ela? Será que consegue voltar bem para casa? Já não estou mais zangada. Meu coração enche-se de amor por ela. Vejo-a mentalmente: pálida, cabelos desalinhados, e os olhos, outrora brilhantes, agora sombrios e pesados.

Uma hora depois, o telefone toca. Tenho medo de atender. Adivinho problemas. Afinal, era minha mãe. Conversamos um pouco sobre o mau tempo e ela diz que eu pareço preocupada. Respondo que

---

«Anne Levine» é o pseudônimo de uma mulher que vive em Nova York.

CONDENSADO DO TIMES, DE NOVA YORK (14 DE DEZEMBRO DE 1971). © 1971 DE THE NEW YORK TIMES CO., 229 W. 43 ST., NOVA YORK, N. Y. 10036

talvez esteja ficando resfriada. Ela pergunta como está Linda e eu digo que está ótima. Tantas mentiras para esconder os problemas da minha filha.

O telefone toca de novo; minha premonição torna-se realidade. É do hospital.

— É a mãe da Linda?

— Sim, que aconteceu com minha filha?

— Linda caiu na rua e veio para cá tratar do joelho. Ela desmaiou quando o médico fazia o curativo. Parece-nos que está drogada. A senhora podia vir até aqui?

É estranho, não sinto emoções. É como se meu coração se fechasse durante algum tempo para deixar o cérebro tomar conta da situação e eu poder agir racionalmente.

Meu marido está fora, a negócios. Sinto-me envergonhada demais para pedir que alguém venha comigo ao hospital. Filósofos talvez culpem a sociedade pela atual situação no que se refere às drogas; mas as mães acusam-se a si próprias.

A garoa tornou-se agora um aguaceiro mórbido, um cenário adequado para os meus medos. Vou para o hospital. A enfermeira leva-me até uma pequena sala de tratamento. Linda está deitada numa mesa, profundamente adormecida.

O jovem médico é compreensivo. Diz que, quando acordar, Linda será enviada para um hospital público e submetida a um exame psiquiátrico. É a lei.

Não é a primeira vez que Linda toma uma dose excessiva, mas até agora sempre dera jeito de voltar para casa. Eu sei que ela vai dormir durante 12 horas. Sento-me ao seu lado e fico vigiando-lhe o sono. É bom que me sinta entorpecida. Eu quero continuar entorpecida; sentir seria penoso demais.

A sala está silenciosa; o único som é da respiração leve de Linda. Olho à volta, convencida de que já estive neste quarto. De repente lembro: esta ala do hospital era antigamente a maternidade. Neste mesmo quarto, há 17 anos, eu tinha tido as dores do parto de Linda. Como fui feliz naquele momento!

Linda acordou ao anoitecer. Olhou à volta e deu comigo ali sentada, em silêncio. Com a voz áspera, disse:

— Estou bem. Quero voltar para casa.

— Linda, você não pode ir para casa agora. Eles disseram que você tem de ir para outro hospital fazer um exame psiquiátrico. Talvez seja bom. A ambulância vai chegar daqui a pouco.

Minha filha virou a cabeça para o outro lado. Não estávamos mais brincando de esconder.

Os enfermeiros da ambulância são pessoas frias. Ninguém disse uma palavra no pequeno percurso até ao outro hospital.

Quando chegamos e o enfermeiro se preparava para abrir a porta, Linda pegou na minha mão.

— Mamãe, estou com tanto medo. Fique comigo, por favor. Sinto muito.

E ambas choramos, finalmente.

III. ROBERT

Robert J. Boutin Jr., um rapaz de 20 anos, morreu numa manhã de verão, em 1971, perto da sua casa, na explosão de um cartucho de dinamite. Sua mãe, Hilda M. Boutin, escreveu esta carta pouco tempo depois.

A Todos os Pais:

Meu filho morreu numa explosão. Os jornais foram caridosos. Deixaram entrever a possibilidade de que tenha sido um acidente. Não foi. Meu filho vinha mexendo com dinamite. Ele sabia como manejá-la com segurança e sabia detoná-la.

Naquela quarta-feira à noite, falou com meu marido e comigo, e contou-nos que tinha tomado LSD cinco ou seis vezes durante um período de quatro meses. Agora estava apavorado com os efeitos da droga. Queria ajuda.

Nós não sabíamos, e quem me dera poder dizer a vocês, como, qual o sinal a procurar em seus filhos para alertá-los. Eu não sei. Naquele seu último dia de vida, meu filho esteve mais próximo do meu marido e de mim do que jamais estivera durante muito tempo. Ao deixar o serviço, ele veio para casa com o pai e depois saíram para ver um trabalho que meu marido ia deixá-lo fazer sozinho.

Robert estava contente de ver que o pai tinha confiança nele. A caminho de casa, pararam para tratar do seguro do carro, para que Robert pudesse voltar a dirigir. Durante o jantar, ele estava feliz e fazia projetos para o futuro.

Naquela última semana, meu marido e eu sentíamos que nosso filho, que se estivera afastando de nós, estava reencontrando o caminho de casa. Ao mesmo tempo, ele estava lutando pela sua vida, sozinho, sem nos dizer nada. Até àquela noite de quarta-feira.

Demos vários telefonemas, tentando descobrir onde poderíamos obter ajuda. Meu filho disse saber que havia um centro de tratamento de viciados num lugar perto. Ligamos para lá, mas era tarde, e disseram que, se nós fôssemos à noite, teríamos de inscrever Robert por um período de 90 dias. Se fôssemos no dia seguinte, das oito da manhã às cinco da tarde, haveria médicos de plantão, que poderiam ajudá-lo.

Conversamos a respeito, e meu filho disse que iria comigo de manhã cedo. Ficamos conversando, e achamos que daria tudo certo. A única coisa que posso dizer agora é que devia ter havido alguma espécie de ajuda na hora que ele precisou. O pânico não espera pelo horário comercial.

Meu filho desceu para o seu quarto e fui até lá dizer-lhe boa noite. Disse-lhe novamente que seu pai e eu faríamos tudo que pudéssemos para ajudá-lo. Ele disse: «Eu sei, mamãe. Vai dar tudo certo.»

Isto foi à meia-noite. Antes das duas da madrugada, meu filho estava morto.

CONDENSADO DO TIMES, DE NOVA YORK (6 DE SETEMBRO DE 1971).
© DE THE NEW YORK TIMES CO, 229 W. 43 ST., NOVA YORK, N. Y. 10036